

02Mar2007 [notícia]

«Corpos dos "páras" trasladados em Abril»

A trasladação dos corpos dos três pára-quedistas portugueses mortos em combate em 1973 na então província da Guiné deverá ocorrer em Abril próximo, disse hoje à Agência Lusa o presidente da Liga dos Combatentes de Portugal.

Segundo o general Chito Rodrigues, tudo está dependente da assinatura de um protocolo de cooperação entre a Liga e o Instituto de Defesa Nacional (IDN) da Guiné-Bissau, em que serão definidos os parâmetros de actuação da associação portuguesa naquele país.

A assinatura do protocolo, acrescentou, acontecerá em breve e, «se tudo correr normalmente», a «missão» deverá estar no terreno, «o mais tardar, em Abril».

A operação de trasladação, que prevê a exumação de mais corpos de outros militares portugueses mortos em combate, é uma «excepção» às «normas» da Liga, sublinhou Chito Rodrigues, salientando que a associação de combatentes não tem essa vocação.

A área de intervenção situa-se no antigo aquartelamento português em Guidaje, norte da Guiné-Bissau e próximo da fronteira com o Senegal, tendo os três pára-quedistas sido enterrados num cemitério militar provisório ao lado de outros elementos do Exército e de homens dos «comandos africanos», soldados guineenses que apoiaram as tropas portuguesas.

Chito Rodrigues sublinhou que a missão contará com uma vertente oficial e outra técnica, envolvendo dois oficiais gerais dos pára-quedistas e especialistas do Instituto de Medicina Legal (IML) e da Faculdade de Ciências de Coimbra (FCC), bem como, ainda a estudar, familiares das vítimas.

O plano tem já «luz verde» do Ministério da Defesa e é suportado financeiramente pela União Portuguesa de Pára-Quedistas (UPP), sendo, porém, um projecto pensado inicialmente pela família de um dos soldados, que deveria ter partido a 16 de Fevereiro último para Bissau.

O projecto remonta a Setembro de 2005, quando um antigo sargento-mor dos pára-quedistas portugueses, Manuel Rebocho, que combateu também na Guiné, apresentou a sua tese de doutoramento intitulada «Sociologia da Paz e dos Conflitos», na Universidade de Évora.

Foi, então, montada uma «missão civil» para resgatar os três corpos, delegação liderada pelo próprio Manuel Rebocho e que envolvia mais oito pessoas, algumas delas familiares, entre elas a irmã do soldado António Neves Vitoriano, natural de Castro Verde, falecido no «teatro de operações» em Maio de 1973.

Vicissitudes várias levaram a que a Liga dos Combatentes fosse contactada e a «missão civil», que se preparava para seguir para Bissau, acabou por ser adiada, uma vez que foi necessário repensar toda a operação.

Em declarações à Lusa, Conceição Vitoriano Maia, irmã de Vitoriano, arqueóloga e residente em Évora, disse estar «satisfeita» por a operação, em preparação há cerca de um ano, ir agora por diante.

Além de Vitoriano, que faleceu aos 21 anos, dois outros soldados da Companhia de Caçadores Pára-Quedistas 121 (CCP-121) acabaram por ser enterrados em Guidaje: Manuel da Silva Peixoto, 22 anos e natural de Vila do Conde, e José Jesus Lourenço, 19 anos, de Cantanhede.

Fora do território português existem registos de 6.000 militares naquelas circunstâncias, 4.000 deles nos três principais teatros de guerra em África, Angola, Guiné e Moçambique.

«No caso da Guiné, há a localização teórica de locais onde estarão enterrados cerca de 750 militares portugueses, no eixo Bissau/Bambadinca/Bafatá/Gabu, o que se juntam aos pouco menos de 1.500 detectados quer em Angola quer em Moçambique», sublinhou.

Diário Digital / Lusa

http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?section_id=13&id_news=265311